

## A associação entre pesquisa e assistência, como paradigma de excelência, em Cirurgia

O que a Universidade, do porte da Universidade de São Paulo, espera de seus docentes das áreas clínico-cirúrgicas em termos de assistência, pesquisa e ensino? Equilíbrio nas três tarefas ou hipertrofia da parte assistencial com, praticamente, nenhuma pesquisa? Esta é uma questão que atualmente vem polarizando alguns setores da comunidade acadêmica e cuja solução, para muitos, pode parecer óbvia demais para justificar qualquer abordagem ou questionamento. É necessário pensar que a universidade que se preocupa apenas com o ensino tende a mediocrizar a si própria, a seus professores e a seus estudantes. Por outro lado, a universidade que só faz pesquisa tende a perder sua universalidade e se transformar num instituto de pesquisa, especializado em ciência pela ciência. Neste contexto, não é possível imaginar, também, uma universidade que só faz assistência e ensino. Isto não caracteriza a universidade e, sim, uma mera escola técnica!

Em função da posição doutrinária, dogmática ou sofismática de seguimentos radicais, que tentam justificar uma circunstancial baixa produtividade científica pela realidade de uma alta carga assistencial, é imperioso que se faça uma reflexão profunda sobre o desejável perfil universitário dos docentes das áreas ditas de aplicação. A pesquisa, nas áreas clínico-cirúrgicas de uma Escola de Medicina, prejudica o professor em sua função docente ou assistencial? Em outras palavras, será que as três vertentes, que constituem a essência universitária, são incompatíveis entre si, pondo por terra toda a excelência de nossas melhores universidades, fundamentada, há várias décadas, no equilíbrio dessas três funções? Será que a assistência e o ensino de excelente qualidade são incompatíveis com a excelente pesquisa feita dentro de uma escola médica ?

Mesmo que respondida de forma simplista, é lícito dizer que **não!** Descendo a detalhes, dir-se-ia que a pesquisa é desejável e necessária para a capacitação docente e, do ponto de vista técnico, é imprescindível ao bom cirurgião adquirir formação científica sólida, que lhe assegure a capacidade de acompanhar a evolução dos conhecimentos, e de analisar e interpretar os fatos novos com a devida compreensão do valor relativo dos métodos e das teorias. É necessário que se vislumbre o fato de que, para o cirurgião, regido pelas normas acadêmicas, a competência e a habilidade clínico-cirúrgicas são qualificativos que têm, como fundamento básico, a pesquisa *senso lato*, posto que esta lhe confere o amadurecimento intelectual, necessário para a produção do conhecimento científico.

Analisando-se, de outro lado, a capacitação acadêmica do aluno de Graduação, a pesquisa é uma maneira salutar e prazerosa de lhe melhorar o espírito crítico e de treiná-lo, intelectualmente, na forma de iniciação científica, para o exercício da profissão médica. E, aqui, é necessário que se entenda a pesquisa como uma forma de, produzindo o novo, contribuir para o avanço científico e tecnológico da Medicina e, sobretudo, servir como um instrumento pedagógico formal de ensino e aprendizado, tanto para o aluno como para o professor, e não uma forma exclusiva de se formar cientistas. A pesquisa é, portanto, inserida neste contexto, um **meio** e não um **fim** em si mesma.

Verifica-se que a iniciação científica propicia ao aluno a necessária capacitação técnica, científica, profissional e humanística, habilitando-o, de forma adequada, a adquirir postura ética, como médico e como cidadão. Com o exercício da pesquisa, clínica ou experimental, e do relacionamento transpessoal entre aluno e professor, num processo de ensino dialógico, o

aprendizado se dá com significativa eficácia, e a formação se sobrepõe à informação transmitida, tradicionalmente, em aulas teóricas. O exercício da construção do saber deve ser iniciativa da Universidade, e isto se faz através da pesquisa bem consolidada, institucionalizada e profissionalizada. A assertiva de que a universidade que faz pesquisa e ensino não tem a melhor pesquisa nem o melhor ensino não tem respaldo acadêmico em nosso meio. Pelo contrário, o acúmulo de experiência, através dos anos, mostrou que as instituições que têm a pesquisa atrelada ao ensino, fazem assistência fundamentada em conhecimentos adquiridos, consolidados e, portanto, de excelência. Além disso, a pesquisa é uma forma de aquisição de erudição desejável para se consolidar uma cultura médica nacional, no sentido de se fazer presente, instituir conhecimento, preparar uma geração consciente de uma ciência aqui construída, pronta para estabelecer-se sólida no próximo século.

Mencionando apenas alguns feitos da área da Hepatologia, vale mencionar alguns exemplos importantes de cirurgiões que, sem deixarem de se notabilizar pela beleza da atuação técnica e pela formação de várias gerações de cirurgiões por todo mundo, entrarão para a história da Medicina como bem sucedidos investigadores clínicos e experimentais. Um deles é Thomas Starzl, pioneiro no transplante de fígado, e que contribuiu, e ainda o faz, de forma relevante, para o avanço da Imunologia dos Transplantes. Outro, fantástico cirurgião, Roy Calne, além de pioneiro no transplante de fígado, na Europa, contribuiu, com seus estudos de laboratório, para a síntese da Ciclosporina, agente imunossupressor que revolucionou a história dos transplantes de órgãos, no início da década de oitenta. Outro cirurgião, Folkert Belzer, com seus estudos experimentais, idealizou a solução de preservação de órgãos, que hoje leva seu nome, e que aumentou o tempo de preservação hipotérmica do fígado de 6 para 20/24 horas, o que se constitui, certamente, no maior avanço na logística dos transplantes de órgãos, nos últimos dez anos.

Obviamente, não é pelo processo da pesquisa que o cirurgião adquire melhor ou maior habilidade manual, porém, com certeza, será por ela, ou por meio dela, que ele obterá habilidade

intelectual, desejável e necessária para aquisição de uma postura universitária, condizente com o meio em que convive. Além disso, a pesquisa, como instrumento de criar e conhecer, consolida a competência e a habilidade do professor e o faz melhor assistente e um formador de pessoas altamente qualificado. É preciso pensar que a Universidade em sua função maior, necessita mais do que técnicos, fundamenta-se em elementos formadores e transferidores de conhecimento. É desta forma que ela manterá seu elevado nível de influência junto à sociedade. Assim, se não se valer da condição de médicos e de professores pesquisadores, geradores de conhecimento novo, como será possível justificar a excelência do ensino e da assistência que se presta à sociedade ?

Analisando-se o Departamento de Cirurgia da FMRP, seus docentes, de modo particular, suas linhas de pesquisa, suas teses, e os trabalhos de seus orientados, tanto na Graduação como na Pós-graduação, percebe-se, claramente, uma vocação explícita para o exercício da pesquisa. É possível até assinalar que a simples opção pelo tempo integral e dedicação exclusiva indica, de forma sensível, uma implícita vocação para a pesquisa. Entretanto, não se sabe por que cargas d'água, há uma preocupação explícita de se esconder tal característica, como se ela fosse algo a ser empurrado para debaixo do tapete. Na verdade, com esta postura, subestima-se uma competência que, não se sabe por quê, finge-se não possuir.

Há de se reconhecer, entretanto, até entre os mais céticos, que aqui se tem um bom ensino e assistência, porque há bons pesquisadores. Afinal de contas, como bem se entende das palavras de Saint-Exupéry, a tese de que o essencial é invisível aos olhos, parece, aqui, aplicar-se adequadamente. Espera-se, assim, que a herética dissociação dos elementos essenciais da Universidade seja feita em outras plagas, pois, nesta escola, emoções à parte, vive-se, pelo menos implicitamente, em consonância com os anseios da Universidade.

Prof.Dr. ORLANDO DE CASTRO e SILVA Jr.  
Professor Associado do Depto de Cirurgia – FMRP-USP  
Membro da Comissão de Publicação